

Hospital de Base, o problema ainda grave

SÔNIA CRISTINA SILVA

Maior centro de saúde de Brasília, o Hospital de Base, conforme diagnóstico de especialistas, é paciente grave, prestes a sofrer paralisia total. Com uma estrutura física precária, a instituição suporta uma carga de serviço além de sua capacidade e a injeção de recursos destinada às reformas necessárias vem sendo aplicada de forma paulatina, inflacionando o custo do tratamento. Este ano, o problema tende a piorar, com a saída de profissionais que o assistem, em função do salário.

Em 12 de setembro de 1960, o executor da criação de Brasília, o então presidente Juscelino Kubitschek, inaugurou o Hospital Distrital (primeiro nome da instituição) certo de que ali seriam atendidos devidamente pacientes terciários — mais graves — até que o hospital geral, que não foi construído, fosse instalado. A população cresceu sensivelmente e o atendimento tornou-se inviável. Em 1975, no governo Prates da Silveira, foi feito o pronto-socorro de quatro andares anexo ao hospital, construído às pressas e sem planejamento.

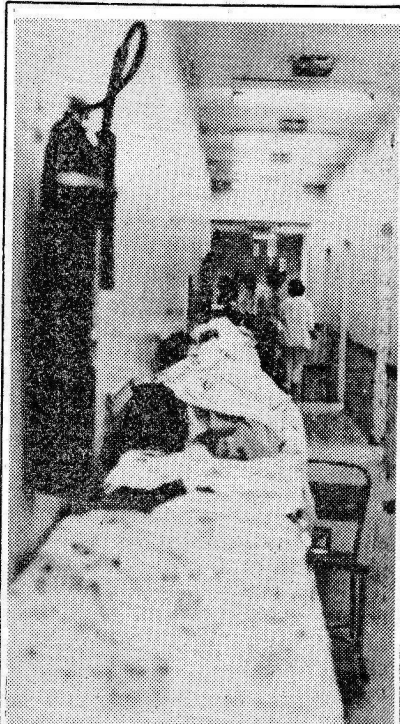
Todo o fluxo de atendimento foi desestruturado, já que o PS estava distante dos centros cirúrgicos e dos andares de internação. O acesso ao local se dá por meio de via subterrânea — do prédio alto, o principal e do ambulatório. As deficiências nas instalações hidráulicas e elétricas se fizeram sentir logo nos primeiros meses, quando se notaram as primeiras infiltrações, prejudiciais tanto ao prédio como para os pacientes. Fios e canos encontram-se nos entrepisos, também construídos de maneira a não impedir que um trabalhador venha a despencar do local para a cama do paciente no andar abaixo.

Mas foi somente no início de 1986 que o HBB se tornou alvo de fervorosas críticas, vindas da população, de médicos e políticos locais. A morte do presidente eleito Tancredo Neves trouxe o espectro da infecção hospitalar e da incompetência. As denúncias de doentes que morriam por falta de atendimento, fotos de pacientes deitados em macas nos corredores e outras denúncias foram surgindo de forma crescente contra o hospital.

Segundo estimativas o HBB atende hoje a 800 pacientes por dia no pronto socorro — 80% deles poderiam ser tratado nos centros de saúde regionais, se estes fossem estruturados para tal — e conta com o mesmo número de leitos. Mas, no ambulatório, 700 pessoas solicitam atendimento, provocando um congestionamento generalizado. O diretor do hospital, Márcio Horta, diz que não é raro se verificar 120 pacientes aguardando até 15 dias no ambulatório por uma vaga na ala de internação. Nessa semana, um deles, vítima simultânea de meningite e rubéola, foi isolado numa parte do ambulatório onde transitam diversas pessoas por falta de vaga. Os que necessitam de cirurgia eletiva, marcadas nos ambulatórios por não serem emergentes, precisam de dose excessiva de paciência, pois as operações podem atrasar vários meses.

Desde outubro de 85, até agora, apesar das intenções do atual secretário de Saúde, Laércio Valença, e do próprio governo do Distrito Federal, o Hospital de Base continua na mesma: precariedade em termos de qualidade de estrutura e de atendimento e talvez tenha até piorado. "Os próprios parlamentares não se absteram de criticar o atendimento, mas, como mensageiros nossos no poder, caberia a eles, além do próprio governo federal, dar atenção devida à Saúde do DF, onde a rede pública é a maior responsável pelo atendimento", afirma o diretor.

Agência Estado/Brasília



Júlio Fernandes

Obra pára, o desabafo do diretor

"Só no Brasil uma obra fica parada quando se já dispõe de parte do recurso necessário", desabafa o diretor do hospital, provavelmente um dos que mais se preocuparam com os vários problemas surgidos com a reforma, anunciada pela primeira vez pelo então secretário de Saúde Carlos Mosconi. Hoje, a secretaria conta com Cz\$ 60 milhões, além da intenção de conseguir Cz\$ 200 milhões através da Secretaria do Planejamento, Seplan. Mesmo com o recurso já em caixa, as obras estão paradas, já que, depois de tudo acertado, se descobriu a necessidade de nova licitação.

Em outubro do ano passado, o vaivém de pacientes para outros hospitais fazia crer que, enfim, as reformas teriam andamento.

Foi em junho de 86, quando o governador José Aparecido decidiu pelo fechamento do pronto-socorro, dispondo dos Cz\$ 60 milhões já em setembro. Em outubro, o quarto andar do local foi desativado e, no mês seguinte, o terceiro, este com pacientes de neurologia e neurocirurgia. Estes últimos passaram a ocupar o setor de ortopedia, que, por sua vez, foi transferido para o HRAN. A neurologia passou para o Hospital Presidente Médici. Aliada à paralisação das obras, os hospitais receptores não suportaram a carga de atendimento. A conclusão foi o retorno para o HBB.

Funcionários saem: agora, faltam mil

A falta de funcionários no Hospital de Base de Brasília é de mil profissionais, entre médicos, enfermeiros e outras categorias, insatisfeitos com a baixa remuneração da rede pública, aliada à burocracia e ao desinteresse pelas reformas no hospital. Em janeiro deste ano, 14 profissionais se demitiram, mas apenas dois foram repostos. Como em outros setores, a proporção é de uma auxiliar de enfermagem para cada 30 pacientes, que muitas vezes não são operados por faltar anestesiologista.

Reivindicando melhores condições de trabalho, os médicos residentes de Brasília, responsáveis por 80% do atendimento, ameaçam paralisação por tempo indeterminado, alegando os mesmos motivos. Para Márcio Horta, esta é uma situação que tem de ser levada pessoalmente ao presidente Sarney, que só será resolvida com medidas substanciais.

(Ag. Estado/Brasília)